

A LINGUAGEM DE CASA-GRANDE & SENZALA *

Fernando Alves Cristóvão

Casa-Grande & Senzala completa cinqüenta anos de existência, e longe de ser uma obra rejeitada pela memória só dos eruditos, está viva, tão viva que no Brasil já conheceu, até 1982, 21 edições a que se juntaram outras 17 nas principais línguas estrangeiras, não contando já com inúmeras adaptações, transcrições e paráfrases. O que por si só diz muito sobre a vitalidade de um livro, sabida como é não só a facilidade com que se esquecem obras menores, como a aceleração extraordinária que em nossos dias empurra os conhecimentos científicos das aquisições passadas para a formulação de novas sínteses. Pois *Casa-Grande & Senzala* resiste ao tempo, quer como enunciado científico pluridisciplinar, quer como linguagem plástica, assinalada logo em 1934 por João Ribeiro como de "poderosa poesia e profunda metafísica", e saída da pena de um verdadeiro Proust da Sociologia, na expressão de Roberto Alvim Corrêa.

Há pois lugar e razão para nos interrogarmos tanto sobre a validade do seu conteúdo científico como sobre a sua capacidade comunicativa, evidente como é sobre estes dois pilares maiores estar assente a sua reputação de obra clássica.

A tarefa que nos foi atribuída neste ciclo de conferências sobre *Casa-Grande & Senzala* de apresentarmos algumas reflexões sobre a linguagem, conquanto algo embaraçosa por serem muito próximos os temas (David Mourão Ferreira já falou sobre o estilo, e tal não é possível sem se falar da linguagem e vice-versa), não deixa, apesar de tudo, de estar ao nosso alcance, dada a enorme riqueza deste livro fascinante sobre a colonização portuguesa do Brasil, vista sobretudo através da família patriarcal dos primeiros séculos. É que a linguagem

* Conferência lida na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) em 14 de dezembro de 1983.

de Gilberto Freyre aqui manifestada, e depois continuada, é uma das poucas linguagens individuais de originalidade marcante na literatura brasileira deste século.

Na verdade, Gilberto emparceira com Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e Clarice Lispector pela sua originalidade inconfundível, e tal como eles, mesmo quando não é imitada diretamente, continua a estimular escritores contemporâneos.

Euclides da Cunha impôs-se por uma linguagem de tipo monumental de força e peso nas asserções positivistas características de um engenheiro também repórter, escrevendo como quem denuncia, "cataclismal" como diria Araripe Júnior, e ficou para sempre na cultura do Brasil como marco obrigatório de referência. De algum modo no extremo oposto, Clarice Lispector inovou com uma linguagem cheia de rupturas e subentendidos a corresponder a uma visão da realidade também ela plena de rupturas, de limiares de sobressalto e até desespero entre a essência e a existência, entre o semântico e o simbólico, o tempo e a eternidade, o masculino e o feminino. Guimarães Rosa revolucionou o mundo literário por uma criatividade de tipo joyciano, operando na palavra a mesma revolução que Picasso levou a cabo na pintura, numa busca insaciável da expressividade em que vale tudo.

É com estes expoentes maiores que ombreia Gilberto Freyre ao publicar *Casa-Grande & Senzala* em 1933 no início do novo fôlego do Modernismo. Em 32 e 33 entrava-se verdadeiramente na segunda geração modernista, pois nesses anos se estrearam os autores maiores do romance nordestino de 30: José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Amando Fontes que por mais de uma década confirmariam as tendências das suas primeiras obras. São anos de aventura e experimentação ainda, em que não se sabia muito bem para onde ir, pois eram manifestos os equívocos sobre uma hipotética "língua brasileira" e uma correção lusitanizante. A rejeição da linguagem e estilo de autores como Coelho Neto era definitiva, mas aos homens do Nordeste não encantavam especialmente as inovações urbanas e um tanto artificiais dos revolucionários da Semana de Arte Moderna. As tendências puristas da linguagem tradicional ainda subsistiam em alguns como Graciliano Ramos, e a criatividade de Mário de Andrade não obtivera o êxito esperado, pois só duas décadas mais tarde Guimarães Rosa retomaria o desafio criando uma nova linguagem coerente e inovadora. Mais sedutor era o caminho seguido por Jorge Amado, o duma linguagem populista e regional. Mas não, Gilberto Freyre optou por uma espécie de média cultural que se lhe impunha como exigência dos estudos sociológicos. Aliás, para Gilberto Freyre e outros escritores nordestinos, não era difícil essa opção porque, voluntária ou involuntariamente, sempre estiveram em sintonia com a realidade brasileira em fase de mudança.

Como afirma Gilberto Mendonça Teles: "Herdeiros da renovação dos primeiros modernistas, os escritores de 1930 já não precisavam mais brigar pela imposição da linguagem coloquial, instrumento de que se valeram para valorizar tematicamente o conflito entre os velhos padrões de vida e o aparecimento das novas idéias liberais. E isso começou cedo, segundo Edson Nery da Fonseca, cuja opinião partilhamos inteiramente, logo nos primeiros escritos de adoles-

cente, desde o *Adeus ao Colégio* de 1917; à dissertação de mestrado na Columbia University e o *Livro do Nordeste* das comemorações do I Centenário do *Diário de Pernambuco*. Já aí a preocupação regionalista era premente, e uma linguagem solta e ousada anuncia cometimentos futuros em afirmações desasombradas sobre a classe política, tais como "Essa nata de bacharéis fica a boiar na superfície da vida brasileira como uma coisa estranha, artificial, indiferente às necessidades da Nação".

O que, a nosso ver, melhor caracteriza a linguagem e estilo de Gilberto Freyre não é tanto uma forma inusitada de dizer mas antes uma adequação perfeita, equivalente à dos autores atrás citados como modelos originais. É que a obra literária deve expressar, como defende Hatzfeld, de maneira personalizada a sua linguagem, dentro da linguagem geral do seu país e da sua geração. E também realizar adequação completa entre estilo-linguagem-realidade. Sendo a obra literária um corpo vivo, não admite dicotomias, não aceita divisões separando o *fundo* da *forma*, como antes se dizia, tão sólida é a sua unidade e unicidade para que Dâmaso Alonso tanto tem chamado a atenção.

José Luís Martín, na mesma ordem de idéias, insiste em que "hemos de ver la obra como um todo, como um *particular y personal* expresión que el autor tiene de las ideas y la atmósfera psíquica de su época, así como su *íntimo y individual* expresión de la realidad tal como el la interpreta, la siente la imagina, la desea o la intuye, pero todo esto enfocado desde el uso personal que ése autor hace de la lengua en su obra literaria".²

E porque essa adequação foi perfeita nos quatro autores apontados é que consideramos as suas linguagens como as mais originais da literatura brasileira deste século.

Abordemos, pois, de modo mais direto, e a partir do texto, essa adequação e originalidade gilbertianas. E porque os estudos sobre linguagem e estilo de Antônio Cândido, Eduardo Portela, Roberto Alvim Corrêa, Osman Lins, Temístocles Linhares, Wilson Martins, Forjaz Trigueiros, David Mourão Ferreira e tantos outros nos desobrigam de análises de estrutura, figuras de estilo e vocabulário, iremos correr o risco metodológico de nos aventurarmos por um outro caminho — de evidenciar a adequação e coerência da sua linguagem às suas idéias e à realidade de escrita. Falaremos, pois, da linguagem de Gilberto Freyre entendendo-a em função da totalidade, da capacidade de modelar e ser modelada pela idéia e circunstância, pelo seu poder de comunicação e empatia. Ateuimento metodológico para que contamos com a vossa benevolência e cumplicidade.

Casa-Grande & Senzala lança as bases de uma teoria cuja construção prosseguirá ao longo de mais de uma dezena de títulos — a do luso-tropicalismo —, que, de modo sintético, e tomando as palavras do próprio autor assim se pode definir como ciência: "especialização no estudo sistemático do processo ecológico-social de integração de portugueses, descendentes de portugueses e continuadores de portugueses em ambientes tropicais".³ Processo esse que resumidamente assim se pode descrever: o português, povo indefinido entre a Europa e a África, "nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas", gente flutuante, flexível, de grande sentido prático e riqueza de aptidões, sem rigidez doutrinária e moral, reinando sem governar, no Brasil, miscigenando-se com o índio

e o negro, formou nos trópicos uma civilização *sui generis* equilibrada, progressiva e harmoniosa étnica e culturalmente, apesar dos seus antagonismos. Ora, são precisamente estas características de plasticidade, mobilidade, erotismo, complexidade, antagonismos superados que caracterizam a linguagem da obra-prima que agora faz 50 anos. Uma linguagem de vaivém contínuo entre a erudição aristocrática do senhor da casa-grande e o pitoresco e até obscuro do escravo da senzala. É a partir daqui que melhor se entendem não só o vocabulário, como a construção da frase, as figuras de estilo, a estrutura da obra. E à boa maneira clássica objetivamos em três facetas mais importantes essa coerência entre a forma da expressão e a forma de conteúdo.

1 — Antes de mais, *a existência de uma linguagem plástica, também ela miscigenada*

Os cinco capítulos de *Casa-Grande & Senzala* documentam, à saciedade, o modo da colonização do Brasil e o aspecto especial da miscigenação que resumiríamos neste passo bem característico do IV capítulo, o mais significativo: "Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu, ou sequer igualou neste ponto os portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contacto e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão do domínio colonial e na eficácia da ação colonizadora". 4

De base mestiça é o Brasil, tanto o colonial como o moderno, pelo caldeamento das três raças — branca, negra e ameríndia, e também intensamente mista e colorida de saberes, linguagens e efeitos de sentido é *Casa-Grande & Senzala*.

Logo a começar na organização do seu texto. Não se trata de uma obra de pureza monodisciplinar. Não é sociologia pura, antes saberes diversos miscigenados num todo harmónico: sociologia, antropologia, história, filosofia, teologia, arqueologia, arquitetura, artes plásticas, literatura, música, folclore, biologia, medicina, direito. . . um não mais acabar de conhecimentos científicos, não simplesmente aflorados ou de generalidades, mas assentes nas bases sólidas da bibliografia mais representativa e atualizada. Interdisciplinaridade esta que se completa pela miscigenação dos gêneros, semelhante à das raças. Assim a prosa se mistura à poesia, e a linguagem denotativa da ciência à conotativa da ficção, de tal modo que o leitor lê esta obra solidamente científica com o mesmo agrado de um romance, para empregar um símile tradicional, e os literatos de ofício chegam às vezes à deformação profissional de separar os gêneros que ali vivem em simbiose perfeita. Isso aconteceu, por exemplo, em 1962 com três notáveis poetas, certamente muito distraídos, que tiveram a idéia pouco feliz de percorrer a obra de Gilberto Freyre e dela extrair passos especialmente poéticos para com eles organizarem uma coletânea de poemas que muito avisadamente o autor não deixou que se chamasse mais que *Talvez Poesia*. 5 Iniciativa essa que se a integrássemos no contexto ou lhe atribuísssemos más intenções que não existiram obviamente, deveríamos classificar de antiluso-tropicalista, antimestiça, de lesa-estilística gilbertiana.

Limitamo-nos, na impossibilidade de vos apresentar textos em sinopse, a mencionar o poema "sede" de *Talvez Poesia*, extraído do capítulo V de *Casa-Grande & Senzala*, o capítulo referente a "O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro". Uma análise comparativa, mesmo superficial, evidencia logo que o texto arrancado ao contexto e retocado, em vez de intensificar a força poética, antes fez perder efeitos estilísticos de tipo contrastivo. Na obra original o autor descrevia a diferença entre o cativo e escravidão do indígena e negro e a vida ociosa e mole carregada de sensualidade dos senhores de engenho, para fazer do balanceio da rede como que o símbolo do domínio social e sexual do vencedor sobre o vencido, apontando o aparente paradoxo existente entre a moleza e voluptuosidade dessa vida e a valentia e coragem manifestada em momentos de luta. Nesse contexto, a evocação dos balanços da rede ritmando as ociosidades da casa-grande ganha um encanto especial, não assumido no poema isolado: "rede parada do senhor descansando (. . .) rede andando com o senhor em viagem (. . .) rede rangendo com o senhor copulando dentro dela" . . . No contraponto entre o documental e o poético, entre a linearidade do raciocínio e o pendular das imagens, entre a racionalidade da alternância vocálica da frase normal, as imagens cinéticas e a onomatopéia da rede rangendo, há todo um jogo de contrastes que a antologia anulou. A verdadeira escrita de Gilberto é miscigenada, e a mistura dos gêneros é para ela algo de congênito, traduzindo-se em mestiçagem verbal. Aliás, quando quis utilizar registros diferentes de comunicação lingüística e literária não hesitou em fazer poesia ou escrever romances, o que até parece estar na massa do sangue dos sociólogos, pois o mesmo fez Josué de Castro ao redigir o *Ciclo do Caranguejo*.⁶ Assim nasceu em 1964 o romance *D. Sinhá e o Filho Padre* e depois *O Outro Amor do Dr. Paulo* onde se verifica precisamente o que apontamos para uma mesma obra de gênero dominante: a persistente mistura dos gêneros. *D. Sinhá é*, simultaneamente, ficção e história, tanto que o seu autor até recorreu ao artifício de mandar imprimir o texto em dois tipos de letra para criar a ilusão das diferenças. E o mesmo aconteceu com o poema de 1926 que nasceu poema "Bahia de Todos os Santos e Quase Todos os Pecados" também descrição e história da Bahia. Talvez por isso, porque nele o uno é múltiplo, é que a própria organização do livro não obedece a uma estrutura rígida. Não há propriamente um núcleo central, antes capítulos onde em cada um deles tudo está enunciado e nada acabado, pelo que o desenvolvimento se opera em espiral. Os capítulos mais se sucedem por desenvolvimento de compreensão que por desenvolvimento de extensão, daí um certo amortecer da progressão sintagmática. Para mais, não se trata verdadeiramente de um livro mas de três, pelo menos, pois o torrencial de *Casa-Grande & Senzala* exigiu continuar-se em *Sobrados e Mucambos*, e ainda transbordou para *Ordem e Progresso*, anunciando o seu autor que o assunto poderia ficar completo com *Jazigos e Covas Rasas*, ainda por publicar.

Mestiçagem textual ainda patente no espreguçamento da frase longa, que às vezes parece esquecer-se do seu ponto de partida e se perde em enumerações caóticas, para que não fique na memória do leitor apenas um dado mas um conjunto deles ou a resultante da sua fusão. Daí que o próprio uso da linguagem tenha em conta a multiplicidade das linguagens do Brasil.

Abundam nesta obra do mestre pernambucano os termos negros e ameríndios, esmaltando a linguagem corrente dum português plástico e ágil. Em listas vocabulares e expressões típicas, a propósito do contributo das duas raças dominadas. Por exemplo, no II capítulo, ao mencionar-se o vocabulário ameríndio: "Não só em relação ao beiju, mas a tudo quanto é comida indígena, a Amazônia é a área de cultura brasileira mais impregnada de influência cabocla: o que aí se come tem ainda gosto de mato; é enrolado em folhas de palmeira ou de bananeira; leva castanha de caju; prepara-se com cuia; é polvilhada de puçanga feita de folhas de kurumikáa torrada; e os nomes são ainda os dos índios".⁷

E, do mesmo modo, no capítulo IV, a propósito dos negros e constatando a naturalidade com que no Brasil se empregam vocábulos dessa origem sem qualquer estranheza: "Que brasileiro — pelo menos do Norte — sente qualquer exotismo em palavras como caçamba, canga, dengo, cafuné, lubambo, molambo, caçula, quitute, mandinga, moleque, camondongo, muganga, cafajeste, quibebe, guengo, batuque, banzo, mocambo, bangüê, bozô, mocotó, bunda, zumbi, vatapá, caruru, banzé, jiló, mucama, quindim, catinga, munguzá, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblê? ou acha jeito de dizer "mau cheiro" em vez de "catíngá"? ou "garoto" de preferência a "moleque"? ou traje em vez de "molambo"?⁸ E de modo perfeitamente coerente, Gilberto não se limita a enunciar esta situação lingüística, senão que a realiza também, em especial quando a expressividade o exige.

Mas a sua compreensão e prática vão mais longe que os glossários das diversas raças, entendendo com rara penetração o fenómeno aculturante em metáforas de grande beleza: "a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente".⁹

Difícilmente se diria melhor e de maneira mais bela!

Um pouco mais adiante, acentuando a convivialidade de senhores e escravos acrescenta: "Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chicó; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das Iaiás, dos Ioiôs, das Sinhás, dos Manus, Calus, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegês".¹⁰

Também aqui temos um exemplo do que atrás afirmamos: mesmo sem recorrer a artifícios e rupturas, a simples escolha e arranjo do assunto e do material lingüístico, a musicalidade impressa à sucessão vocálica e às alternâncias de consoantes surdas e sonoras, um toque de humorismo sutil naquilo que sem ser caricatura o parece, eis a maneira mestiça gilbertiana de se exprimir.

Certamente porque a realidade é a da mestiçagem, e a língua a segue de perto, é que se torna tão elevado o índice de oralidade coloquial. Em outros tipos de escritos, o autor redige intemporalmente, para um leitor universal e anónimo, com a conseqüente rigidez ou sobriedade do sintagma e a pobreza das

operações de substituição e sinonímia do paradigma, a quase ausência de adjetivos e metáforas. Aqui não, o leitor está próximo, personalizado, a que o autor se dirige na certeza de que ele comunga do mesmo quadro de referências lingüísticas e culturais. Por isso acontecem réplicas irritadas a certas afirmações de outros cientistas, expressões carregadas de humor, passagens súbitas do abstrato ao concreto para que a comunicação não se interrompa. Por exemplo, quando se tomam símiles de vida quotidiana da gente trabalhadora: "O Brasil foi como uma carta de paus puxada num jogo de trunfo em ouros. Um desapontamento para o imperialismo que se iniciara com a viagem à Índia de Vasco da Gama".¹¹ Duma metáfora de sabor popular se passa facilmente a outra do jogo do pau-brasil e da mineração, com a grande vantagem de, não se identificando completamente os jogadores, se deixarem em aberto interpretações muito diversas.

Ou então, a propósito da insinuação de Capistrano de Abreu chamando ao Brasil "país de Cogne" replicando: "País de Cogne coisa nenhuma: terra de alimentação incerta e vida difícil é que foi o Brasil dos três séculos coloniais".¹² E ainda: "Senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens: donos de terras e de escravos que dos senados de câmara falavam sempre grosso aos representantes d'el-Rei".¹³

Julgamos que pelo mesmo motivo da oralidade é tão grande a abundância de notas e citações que excluídas do texto se acumulam no final de cada capítulo. A sua extensão é tão grande que no primeiro capítulo, por exemplo, há apenas escassa meia dúzia de páginas de diferença na extensão, quando impressas no mesmo tipo de letra. E isso é o reforço da oralidade, porque sendo tais notas pequenos textos de caráter documental estrito e informação concentrada, não eram compatíveis com a flexibilidade e tom familiar adotados. O autor deitou para fora do texto, apesar da sua grande quantidade, quanto pudesse torná-lo pesado. Mas como cientista consciente da necessidade de comprovação bibliográfica e do valor de certos materiais excedentes, não podia deixar de colocá-las à disposição livre do leitor.

Citamos atrás Euclides da Cunha. Com ele, sobretudo aqui, podemos estabelecer "contrastes e confrontos" de linguagem e estilo. A prosa do primeiro é dramática, a do segundo cordial; a de um, acusadora, a de outro explicativa e conciliatória; a do autor de *Os Sertões* pura, peremptória, arquetônica, retórica, privilegiando a disjuntiva, a de *Casa-Grande & Senzala* miscigenada, problemática, plástica, coloquial, enfatizando a conjunção copulativa.

2 — A segunda faceta que, em nosso entender, tipifica a linguagem de *Casa-Grande & Senzala* é a de um *exotismo difuso e globalizante*. Duma sensualidade que apimenta toda a linguagem e estilo de Gilberto. Erotismo na acepção ampla da *libido* freudiana, até porque sendo uma linguagem repassada de afetividade, dificilmente alguma coisa lhe escapa.

Na obra, a colonização é estudada a partir da família patriarcal o que por si mesmo já aponta um sistema de relações de caráter afetivo. E é sobre essas formas de relacionamento, públicas e privadas, às vezes estritamente privadas e íntimas que o autor, com a cumplicidade do leitor, se debruça em atitude verdadei-

ramente nova: a de tudo observar e falar abertamente sem qualquer reserva. Dir-se-ia que um observador furtivo, cheio de malícia e compreensão espreita, sem ser visto, o que se passa na casa-grande, descrevendo para outros a vida semi-social da sala nobre, as transigências da sacristia e capela, o à-vontade da cozinha, a intimidade e os segredos da alcova, as liberdades da bagaceira e a promiscuidade da senzala. E de manhã à noite, relatando os amores, as rezas, as práticas de higiene, as refeições, as brincadeiras dos meninos, sem poupar nem pessoas nem pormenores.

Semelhante visão da realidade que não precisa de vocabulário especial mas a que bastam algumas palavras-chave e metáforas estratégicas é de tipo global, partindo do fato da miscigenação e contributo das diversas raças para a formação do Brasil.

Alguns exemplos. Falando da colonização em geral: "A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África". 14

É sobre este "acre requieime da vida sexual" e sobre o quente e o oleoso do clima e das relações humanas, a que só falta juntar, na citação, o açucarado e vagaroso da ociosidade que se constrói a atmosfera típica desta linguagem mais baseada em "índices" e "catálises", na acepção de Roland Barthes, do que propriamente nas funções nucleares de narrativa ou argumentação. Ainda a propósito de colonização diz-se no capítulo 2: "Nem as relações sociais entre as duas raças, a conquistadora e a indígena, se aguçaram nunca na antipatia ou no ódio cujo ranger, de tão adstringente, nos chega aos ouvidos de todos os países de colonização anglo-saxônica e protestante. Suavizou-as aqui o óleo lúbrico da profunda miscigenação, quer a livre e danada, quer a regular e cristã sob a bênção dos padres e pelo incitamento da Igreja e do Estado". 15

Registe-se o modo de caracterizar o contraste entre as relações humanas de ficção e confronto e as de cordialidade, pelo evocar do "óleo lúbrico da profunda miscigenação". O autor disse mais para contrapor os dois processos colonizadores através da metáfora que por meio da linguagem denotativa tradicional da ciência. Aliás, quando referimos, há pouco, o uso da ficção e da poesia ao serviço da longa meditação e estudo da sociedade brasileira, era também para acentuar como a linguagem conotativa, metafórica e simbólica era uma linguagem complementar, e não simples forma de embelezamento e pausa. Nem toda linguagem objetiva é capaz de dizer tudo, por isso a linguagem subjetiva e polisêmica a completa, e desde há muito que todos sabem ser a literatura também

uma forma de conhecimento, sobretudo quando, paradoxalmente, incide em áreas insusceptíveis da análise chamada científica.

Acrescentemos ainda uma outra exemplificação desta linguagem erotizante. Referindo-se à linguagem falada no Brasil que os negros, em especial, tornaram branda e lassa diz: "Mães negras e mucamas, aliadas aos meninos, às meninas, às moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirto e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semibrancos, alunos dos seus colégios (. . .) Embora tenha fracassado o esforço dos jesuítas, contribuiu entretanto para a disparidade, a que já aludimos, entre a língua escrita e a falada do Brasil: a escrita recusando-se, com escrúpulos de donzelona, ao mais leve contacto com a falada; com a do povo; com a de uso corrente".¹⁶

Tem o seu quê de cômico este simulacro do jogo amoroso entre a língua falada e a escrita, atribuindo-se à primeira o estatuto masculino pela sua capacidade de iniciativa, liberdade e ousadia, e à segunda o feminino, dado o seu carácter aristocrático, passivo de linguagem recatada e conservadora que desconfia e recusa qualquer convivência livre.

A este tipo de perspectivização que em outros textos talvez não ganhasse tanta relevância, há que juntar a freqüência e a vontade com que são tratados assuntos sobre os quais se fazia (sobretudo no Brasil nordestino de 1933) uma certa reserva em relação ao leitor comum. São as análises de carácter sociológico sobre a vida sexual da população, que nestes cinco capítulos ocupam nada menos de dois, exclusivamente a ela dedicados, para além de outras referências, desde o capítulo inicial. E tanto sobre situações normais como patológicas que vão desde a política dos casamentos até às doenças venéreas e ao sadomasoquismo.

Mas é sobretudo o tipo de linguagem usada que se singulariza. Empregando expressões fortes e expressivas, tais como "o furor fêmeiro do português ter-se-á exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo", "a luxúria dos indivíduos soltos sem família, no meio da indiada nua", "misturando-se gostosamente com mulheres de cor (. . .) machos atrevidos", "doçura piedosa e sentimental de sacristia a açucarar-lhes o erotismo". . .

Merece particular atenção o freqüente emprego da palavra "carne", no sentido bíblico e tridentino de "sarks" que põe em oposição o dualismo antropológico carne/espírito e empresta ao primeiro termo a carga negativa que o velho catecismo assinalava aos "inimigos da alma". Assim em "o europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado senão atolavam o pé em carne".¹⁷

Completam este painel de erotismo explícito ou difuso as anedotas e ditos populares sobre preferências sexuais ("Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: Branca para casar, mulata para f. . ., negra para trabalhar").¹⁸ E ainda um modo de raciocinar mecanicista e tecnológico, misturado com expressões coloquiais desinibidas, de grande efeito contrastivo: "o intercuro sexual de brancos dos melhores stocks — inclusive o eclesiástico, sem dúvida nenhum dos elementos mais seletos e eugénicos na formação brasileira, com escravos negros e mulatos, foi formidável. Resultou daí grossa multidão de filhos ilegítimos — mulatinhos criados muitas vezes com a prole legítima"¹⁹ "stocks", "grossa multidão", "mulatinhos", eis uma mistura bem curiosa.

Muito próxima, a vários títulos, dessa linguagem de fundo erótico está uma outra que a ela se deve associar e que se constela à volta de dois núcleos principais, a "gordura" e a "moleza". À volta desses tópicos se processa vasta rede de relações associativas tanto de significante como de significado. Bastam-nos algumas ocorrências mais relevantes: "a deformação do português tem sido sempre em sentido horizontal. O achatamento. O arredondamento. O exagero da carne em enxúndias".²⁰ E, a propósito da língua colonial "Um português gordo, descansado (. . .) O clima pareceu-lhe agir sobre a fala, como sobre a atividade mental dos brasileiros, no sentido de uma grande lassidão".²¹ E descrevendo a cozinha de Alcobça "Montes de farinha e de açúcar. Gordos jarros de azeite" e, num requinte de sinestesia retrata o indolente senhor do engenho a sair gelatinosamente em sua rede "deixando-se tirar de dentro de casa como geléia por uma colher".²²

E, para significar a moleza duma vida patriarcal diz que os senhores levavam "Vida morosa, banzeira, moleirona dentro de casa", e tanto eles como os escravos, pois até os próprios índios se acomodavam de tal modo que "O resultado foi evidenciar-se o índio no labor agrícola o trabalhador banzeiro e moleirão que teve de ser substituído pelo negro".²³ ou "daí o gesto mole, desinteressado, sem vontade, com que a Coroa recolheu ao domínio as terras de pau de tinta descobertas por Pedro Álvares Cabral".²⁴

Razão tinha João Cabral de Melo Neto para num poema de homenagem a Gilberto Freyre celebrar "esse à vontade que é o da rede/ dos alpendres da alma mestiça/ medindo sua prosa de sesta,/ ou prosa de quem se espreguiça". Não admira, pois, que alguns críticos de Gilberto cedo se insurgissem contra o que consideravam ousadias intoleráveis. Por exemplo, Afonso Arinos de Melo Franco ao afirmar:

"Numa obra como a de Gilberto Freyre, porém, a sua língua devia ser simples e nossa, não julgo indispensável que seja chula, impura e anedótica, tal como aparece em tantas das suas páginas. É pouco técnico esse linguajar. Pouco científico. Dá ao livro um aspecto literário que o seu assunto e as suas graves proporções não comportam (. . .) a língua de Gilberto Freyre devia ter um pouco mais de dignidade".²⁵

Estamos em crer que muitos seriam os que partilhavam a opinião de Afonso Arinos, mas o sucesso tanto entre o leitor comum como entre os cientistas foi o mais eloquente desmentido desse juízo negativo e estreito. Mais avisadamente o entendeu José Américo de Almeida considerando esse modo peculiar de se exprimir como estilo familiar onde não falta, muitas vezes, um detalhe que seria impuro ou ousado se não fosse a exigência técnica para uma caracterização antropológica ou desenho de costumes, tudo expresso com um ar de confiança que não escandaliza, por não ser cru nem brutal".²⁶

Mas, nesta questão, vale a pena perguntar a Gilberto quais os seus verdadeiros objetivos ao escrever prosa tão imprevista. A resposta encontramos-la no capítulo VI da obra *Interpretação do Brasil* justificando a linguagem dos romancistas nordestinos que em grande parte ele incitou e orientou: "a sua franqueza no que diz respeito aos problemas do sexo e às relações entre brancos e pretos e entre ricos e pobres não se tem realizado ou afirmado sem dificuldades ou opo-

siões. No fundo, um problema de franqueza, de grande franqueza sobre assuntos às vezes incômodos".²⁷

3 — Uma terceira faceta se evidencia na linguagem de *Casa-Grande & Senzala* que já indiretamente apontamos nas análises anteriores, mas que ganha, sobretudo, em ser relacionada com a estrutura da obra e a *dualidade existente entre o caráter aristocrático e dominante do discurso, e o plebeu de certo vocabulário e figuras de estilo*. Entre a linguagem do Senhor da casa-grande e a dos negros da senzala. Não em oposição, mas em complementaridade. Como já nesta sala acentuou Fernando Moser, na conferência anterior, na obra em apreço organizada como todas as outras em título bímembre, é importante o papel da conjunção copulativa porque tudo é cumulativo, para ser entendido em soma de valores. São pois linguagens misturadas porque se integram num conjunto mestiço.

Foi a colonização portuguesa no Brasil de tipo aristocrático, marcadamente de iniciativa particular, familiar, e aristocrática é a prosa de *Casa-Grande*. Dominando a linguagem da maloca e da senzala e impondo-se à consideração dos cultos pelo abundante vocabulário técnico, citações, bibliografia, utilização de línguas estrangeiras de cultura — latim, francês, espanhol, inglês, alemão —, mas, sobretudo pelo uso da frase longa. Própria de um senhor de mando, que ninguém interrompe, senhor de engenho, branco e aristocrata, de costela Wanderley e educação parisiense como todo brasileiro culto que se preze, como vem documentado em *O Outro Amor do Doutor Paulo*, romance autobiográfico da sua formação intelectual.

Se tomarmos como vetor de análise a distinção hoje clássica entre "sistema", "norma" e "fala", a estas conclusões somos forçados. O sistema, especialmente a estrutura morfo-sintática é de raça branca, isto é, português lídimo, bem afirmado no processamento das relações combinatórias e contextuais do sintagma. A norma e a fala, essas sim já são coloridamente de senzala, mestiças no vocabulário e em tantas expressões idiomáticas. Bem amulata, fortemente morena nos capítulos IV e V sobre o sexo e a cozinha. Brancarana, de mulata clara nos restantes capítulos, exceto no II onde as reflexões sobre os indígenas põem salpicos de caboclisto. Nunca porém cafusa, pois sempre o verbo, como o *logos* pertencem ao senhor dessa *Casa-Grande* científico-literária. Também, por isso, a frase é longa, senhorial nos seus vagares, para envolver e homogeneizar através da unidade enunciativa o antagonismo das idéias contrapostas das abundantes citações, das orações intercalares, das enumerações documentais. Daí o uso abundante dos dois-pontos e do ponto-e-vírgula. Por exemplo, como acontece nas enumerações das primeiras páginas do capítulo II na extensíssima frase que começa assim: "Whiffen resume os principais traços da cultura das tribus do Nordeste do Brasil nos seguintes, muitos deles extensivos a quase todo o Brasil: caça, pesca, cultura da mandioca. . ."etc.²⁸ que se alonga por um total de 49 linhas de texto em que os diversos membros da frase estão separados nada menos que 51 vezes pelo ponto-e-vírgula! Uma página de uma só frase, um só período, um só parágrafo! Enfim, o que se poderia chamar um verdadeiro latifúndio lingüístico sob o domínio do mesmo senhor.

Tão grande abundância no uso do ponto-e-vírgula leva-nos à interrogação sobre o seu significado lingüístico, para concluirmos que também ele aponta para a já verificada rejeição das normas puras e rígidas, dado que, segundo os gramáticos, e aqui citamos Celso Cunha, tal pontuação "serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, podendo aproximar-se ora mais daquele ora mais desta, segundo valores pausais e melódicos que representa no texto", e que "seu emprego depende substancialmente do contexto". 29 Por outras palavras, essa insistência vem reforçar uma tendência para se eliminarem antagonismos e favorecerem-se os ajuntamentos.

Há pois em toda a obra um vaivém contínuo entre as duas linguagens, entre a da inteligência e disciplina senhorial e a do anárquico e pitoresco da senzala. E ao falarmos de vaivém entre a *Casa-Grande* & a *Senzala* estamos, igualmente, a assinalar a técnica gilbertiana de redigir: uma verdadeira multidão de idéias, fatos, citações, referências, comentários é lançada em cada página de modo aparentemente desordenado e repetido. Mas, logo tudo é retomado, sem que alguma coisa fique para trás, porque, para além das introduções ou conclusões dos capítulos — verdadeira moldura de enquadramento lógico —, tudo é como que peenirado nesse vaivém de repetições, deixando-se passar unicamente os elementos básicos para estruturar uma afirmação ou construir uma síntese. Quem melhor observou este processo foi Roger Bastide, sociólogo como o mestre do Recife, por isso o comparou ao de Taine nas *Origines de la France Contemporaine* e ao de Proust, o Proust das análises minuciosas e amplificantes até chegar a conclusões.

Por toda esta análise sobre a linguagem e estilo de Gilberto Freyre podemos comprovar a asserção inicialmente feita de que a singularidade de Gilberto não estava em alterações espetaculares de caráter morfo-sintático nem no insólito propriamente dito, mas num modo muito seu de se exprimir. Não opera rupturas dentro da linguagem literária, mas também não se conforma com a simples *amplificatio* ou *exornatio* da frase. Se para a estilística transpusessemos o conceito chomskiano de "aceitabilidade" (correlativo do de "gramaticalidade") diríamos que nessa aceitabilidade não há qualquer obstáculo ao "compreensível", mas sim ao "admissível", tanto ao admissível social como ao admissível dos hábitos literários correntes. Não é, pois, uma questão de regras nem de originalidade de vocabulário. Provam-no, indiretamente os excelentes estudos de Antônio Sales Filho ao fazerem o levantamento dos termos eruditos, os empréstimos, os estrangeirismos, as criações originais, pois não há proporção entre algumas dessas novidades e linguagem tão incisiva. O que o singulariza, sim, é a adequação perfeita do modo como diz às idéias que defende. Por isso Jorge Amado pode dizer "antes dele entrar na cena editorial, livro de estudo no Brasil era sinónimo de livro chato, mal escrito, retórico, pernóstico, ilegível. E era assim mesmo, com raras exceções! Só levado por absoluta necessidade aventurava-se alguém na intrincada floresta onde cresciam os palavões difíceis, e uma prosa de colarinho duro e sobrecasaca negra". 30

Já vai longa esta exposição, por isso lhe vamos pôr termo, e porque sempre entendemos que as análises só se justificam se perspectivadas para níveis superiores de entendimento, e que o projeto humano é que dá significado à signifi-

cação, gostaríamos de concluir evidenciando a importância do contributo do mestre pernambucano para o nosso património comum. E é ele de grande relevância nos dois aspectos complementares que, logo de início, invocando teóricos da estilística, assinalamos como indissociáveis e complementares. Sob o aspecto lingüístico, contribui para o enriquecimento e maior plasticidade da língua de todos nós. Ouso mesmo afirmar que, neste campo, Gilberto Freyre não só prestou relevante serviço à comunidade de língua portuguesa, mas especialmente a Portugal, pois sendo notória a rigidez da língua aqui falada, foi ele um dos que mais contribuiu, antes do 25 de Abril, para lhe dar plasticidade. Plasticidade essa de grande importância para o diálogo, em todos os sentidos da palavra, com as antigas colónias cuja realidade lingüística tende mais para o tipo de evolução lingüística brasileira que lusitana, por isso essa autêntica "mediação brasileira" tanto na língua como na literatura, tem favorecido um melhor relacionamento cultural com a antiga metrópole.

Sob o aspecto cultural e antropológico, Gilberto Freyre lançou as bases teóricas para uma política cultural de aproximação entre todos os falantes de língua portuguesa, pois a sua concepção do luso-tropicalismo não se aplica só no Brasil mas também, ainda que em intensidade diversa, aos novos países da mesma língua. De modo especial a Cabo Verde, e a esse propósito basta lembrar o testemunho de Baltazar Lopes reconhecendo no seu arquipélago profundas semelhanças com a situação descrita em *Casa-Grande & Senzala*.

O luso-tropicalismo continua a ser, culturalmente, uma tese válida, por muito ensombrada que tenha sido no regime político anterior por abusivas interpretações, deturpações e excessos. Por isso nos parecem cheias de lucidez, e quase proféticas, as declarações prestadas em 1952 por Gilberto Freyre ao jornalista Marques Gastão: "Este mundo luso-afro-brasileiro, como comunidade transnacional ou luso-tropical, como uso chamar-lhe, atravessa decerto dias críticos.

Há porém bons indícios de que a esses dias críticos está para suceder-se um avigoramento do sentido de unidade com diversidade entre os membros desse mesmo mundo". 31

E continuamos em crer que qualquer política cultural comunitária só terá garantias de autenticidade se for construída sobre esse dado antropológico, privilegiando sempre os problemas da língua e da cultura.

Neste pressuposto, não podemos deixar de evocar, até pela circunstância de estarmos no seu centenário, Antônio Sérgio. Antônio Sérgio que foi admirador e, até certo ponto, colaborador de Gilberto Freyre ao escrever notável prefácio para a edição brasileira de *O Mundo que o Português Criou* contrapondo antiteticamente ao sucesso da colonização lusitana do Brasil o nosso insucesso no relacionamento europeu, foi um defensor incansável da língua comum.

Homem universal, cidadão do mundo da inteligência, que chegava a afirmar "intelectualmente me não encaro nunca como português", repugnavam-lhe os particularismos, especialmente quando acentuavam a separação entre Portugal e o Brasil. Na língua comum viu sempre um dos grandes valores a preservar. Por isso escreveu em 1937 um pequeno ensaio intitulado "Em torno do problema da língua "brasileira" em que, apaixonadamente, apesar da cordialidade do diá-

logo maiêutico com um hipotético "estudante brasileiro seu amigo", defendia a unidade e homogeneidade da língua literária escrita, ainda que compreendendo e respeitando as peculiaridades próprias das falas regionais. Por isso preconizava diversas medidas, desde a realização de Congressos até à uniformização das terminologias científicas, propondo igualmente "que nas escolas secundárias de Portugal se não estudasse a literatura portuguesa mas a literatura de língua portuguesa, e que os autores brasileiros, por consequência, fossem cá lidos obrigatoriamente no mesmo pé que os de Portugal". 32

Como neste campo, tão pouco progredimos, se é que não regredimos, desde 1937! Os estudos de História, Cultura e Literatura do Brasil e de outros países de língua portuguesa não encontraram ainda nos nossos dias os meios mais adequados para se desenvolverem. Por isso um novo fôlego se impõe. Os gestos de Gilberto Freyre apontando aos brasileiros o valor das suas raízes portuguesas, e de Antônio Sérgio apontando aos portugueses o valor da sua dimensão brasileira, bem podem ser tomados por nós como exprimindo um imperativo de coerência: edificar a nossa identidade sobre uma política cultural comum.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1 PORTELA, Eduardo, CRISTÓVÃO, Fernando e outros. *O romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 46
- 2 MARTIN, José Luís. Madrid, Gredos, 1973, p. 50
- 3 FREYRE, Gilberto. *Integração portuguesa nos Trópicos*, Lisboa, 1958, p. 9.
- 4 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 22
- 5 FREYRE, Gilberto. *Talvez poesia*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1962.
- 6 CASTRO, Josué de. *Ciclo do caranguejo*, Porto, Brasília, 1966.
- 7 *Casa-Grande & Senzala*, p. 127
- 8 Ibidem, p. 322
- 9 Ibidem, p. 320
- 10 Ibidem, p. 320

- 11 *Casa-Grande & Senzala*, p. 200
- 12 *Ibidem*, p. 118
- 13 *Ibidem*, p. 17
- 14 *Casa-Grande & Senzala*, p. 18
- 15 *Ibidem*, p. 161
- 16 *Casa-Grande & Senzala*, p. 321.
- 17 *Ibidem*, p. 100
- 18 *Ibidem*, p. 23
- 19 *Casa-Grande & Senzala*, p. 422
- 21 *Ibidem*, p. 192
- 21 22, 23, 24-*Ibidem*, respectivamente, pp. 320, 160, 200
- 25 *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1934
- 26 ALMEIDA, José Américo de. "Gilberto Freyre, nova forma de expressão". In: — *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1962, p. 24
- 27 Gilberto Freyre, *Interpretação do Brasil*. s. d., p. 199
- 28 *Casa-Grande & Senzala*, p. 104
- 29 CUNHA, Celso. *Gramática portuguesa contemporânea*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970, p. 427
- 30 AMADO, Jorge. "Casa-Grande & Senzala e a revolução cultural". In: *Gilberto Freyre, Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte*, p. 30
- 31 GASTÃO, Marques. *Relações culturais luso-brasileiras*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1983, p. 43
- 32 SÉRGIO, Antônio. *Em Torno do Problema da Língua Brasileira*, Lisboa, Seara Nova, 1937, p. 33

